

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Thalita Rafaela Squarcini Dias de Moraes**

**MAUS: a opressão de um sobrevivente**

**Taubaté - SP**

**2020**

**Thalita Rafaela Squarcini Dias de Moraes**

**Thalita Rafaela Squarcini Dias de Moraes**

**MAUS: a opressão de um sobrevivente**

Trabalho de Graduação apresentado à Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Andréia Alda de Oliveira Ferreira Valério

**Taubaté – SP**

**2020**

Thalita Rafaele Squarcini Dias de Moraes

MAUS: a opressão de um sobrevivente

Trabalho de Graduação apresentado à Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Andréia Alda de Oliveira Ferreira Valério

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Ma. Andreia Alda de Oliveira Ferreira Valério

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dra. Odila Amélia Veiga França

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico esse trabalho aos judeus, sobretudo Vladek, Anna e Richieu Spiegelman. Mesmo com a dedicação e o interesse nessas memórias, gostaria que essa obra e as demais histórias vividas no Holocausto fossem meras distopias.

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Ma. Andréia Alda de Oliveira Ferreira Valério, pelos três anos de ensinamentos durante minha graduação, por ter contribuído da melhor maneira para a realização deste trabalho e sobretudo por ter me ensinado a importância de não me tornar uma “professora gato” para “alunos ratos”.

À minha família: meus pais, Bruna Juliana e Fernando, pelo exemplo de garra para conquistar os objetivos. Meu irmão, Felipe, pelo companheirismo e por ter alegrado minhas noites de escrita desse trabalho. À minha avó, Nê, por ter sido meu porto seguro desde que me entendo por gente e por ter permitido minha graduação nessa última fase. Meus tios, Hico e Marciel, por todo apoio concedido.

À minha segunda família, meus colegas da E.M.E.F Professor Walter Thaumaturgo, pelo acolhimento, por me ensinarem a propagar amor no meio docente e por me ouvirem falando de Holocausto e trabalho de graduação durante o início da criação desse trabalho.

Aos meus amigos: Vicente Gomes, Isadora Ferrari e Bruna Mercado, por esses anos de companheirismo, troca de experiências e por terem feito das minhas noites na universidade mais divertidas e prazerosas.

À minha companheira de trabalho, Natacha Mazzucco, com a qual tenho um prazer imenso de trocar vivências profissionais, pela paciência em me auxiliar nessa etapa final da graduação e por todo incentivo no âmbito acadêmico.

Nunca se achará, porém, uma raposa manifestando a um ganso sentimentos humanitários da mesma maneira que não há um gato com inclinação favorável a um rato.

Adolf Hitler

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar as consequências da opressão sofrida por Vladek Spiegelman, um judeu sobrevivente do Holocausto, sob a perspectiva da obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. A história de Vladek, contada pelo próprio judeu ao filho através de quadrinhos, traz toda a sua trajetória de vida, a opressão e os episódios de sofrimento vividos durante sua estadia no mais memorável campo de concentração nazista, Auschwitz. A obra usufrui da metalinguagem para alternar entre os episódios de encontros entre Vladek e seu filho, Art Spiegelman, no final da década de 1970 em Nova Iorque, e os registros das narrativas de suas memórias e lembranças durante o período da Segunda Guerra Mundial, primordialmente na Polônia. Outra figura de linguagem que será apresentada nesse trabalho é a metáfora, muito presente no *graphic novel* para a caracterização dos judeus, nazistas, poloneses, americanos e entre outros. Para introduzir a análise da obra, será apresentado no primeiro capítulo uma breve biografia do autor, sua motivação para escrever *Maus*, a repercussão que a obra gerou em sua vida e também os sinais de opressão que herdou de seus pais. No segundo capítulo foi apresentado o conceito de quadrinhos como literatura, o zoomorfismo, ou seja, a personificação dos personagens através de animais e a sua relação com o contexto histórico em que a obra se insere, abordando ideais do líder nazista Adolf Hitler com uma breve justificativa do estudo de Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, a qual foi também citada durante o terceiro e último capítulo deste trabalho, salientando os principais traços de opressão na qual um ser humano é introduzido e as consequências de tal opressão exemplificados fielmente na obra de Art Spiegelman. Por fim, a metodologia e as considerações finais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Opressão. Memória. História em Quadrinhos. Holocausto. Nazismo. *Maus*. *Pedagogia do Oprimido*.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the consequences of the oppression suffered by Vladek Spiegelman, a Jew Holocaust's survivor, from the Paulo Freire's perspective of his large study, *Pedagogy of the Oppressed*. Vladek's story, told by his own Jew son through a comic book, it brings all his life story, the oppression and the sorrow episodes felt during his stay at the most memorable Nazi concentration camp, Auschwitz. *Maus* uses the metalanguage to go between the meetings with Vladek and his son, Art Spiegelman in the end of 70's decade in New York to the narrative of his own memories during the World War II, mainly in Poland. Another figurative language that will be presented in this work is the metaphor, found in the *graphic novel* for characterize the Jews, Nazis, Polish, American among others. By introducing the book's analysis, the first chapter will be a brief biography of the author, your motivation to write *Maus*, what changes the work brought to his life and also the oppression that he inherited from his parents. In the second chapter, it was presented the comic book concept as a literature, the zoomorphism, in other words the personification of the characters through the animals and their relationship with the historical context and the work that is in it. Also goes through the idea of the Nazi leader Adolf Hitler with a short Paulo Freire's study justification in the *Pedagogy of the Oppressed* book, which also was quoted during the third and the last chapter of this research. Not forgetting to mention the oppression traits that a human being is brought to and the consequences that oppression faithfully exemplified in the Art's Spiegelman work. The last part is about the methodology and final conclusion.

**KEY WORD:** Oppression. Memory. Comics. Holocaust. Nazism. *Maus*. *Pedagogy of the Oppressed*.



## Sumário

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO .....	9
1. O CARTUNISTA: ART SPIEGELMAN .....	11
1.1 Biografia de Art Spiegelman.....	11
1.1.1 A repercussão da obra: <i>Maus</i> .....	13
2. CONCEITO .....	16
2.1 História em quadrinhos e literatura.....	16
2.2 Zoomorfismo e contexto histórico .....	18
3. OPRESSÃO .....	33
3.1 Pedagogia do Oprimido em Maus.....	33
3.1.1 Vladek sangra opressão .....	44
METODOLOGIA.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXOS .....	54

## INTRODUÇÃO

Ratos são conhecidos popularmente como animais asquerosos e indesejáveis, causam terror por transmitirem doenças e viverem sob condições consideradas nojentas pelos seres humanos. “Maus”, traduzindo do alemão para o português, significa “ratos”. O título da obra, que se refere aos judeus, faz jus a representação estabelecida por Adolf Hitler e seu Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista, Joseph Goebbels, durante o decorrer da Segunda Guerra Mundial<sup>1</sup>. Essa metáfora esclarece brevemente o conceito da opressão que se predominava na época e que será comparada nesse presente trabalho pela opressão a qual Paulo Freire se refere em sua obra, *Pedagogia do Oprimido*, inserindo-se na área de análise de Literatura Inglesa, protagonizando a trajetória de Vladek Spiegelman, real sobrevivente do Holocausto e personagem de *Maus*, cujos capítulos 1 a 6 do volume 1 e capítulos 1 a 4 do volume 2 foram publicados originalmente na revista *RAW* entre 1980 e 1991 pelo cartunista sueco Art Spiegelman.

Esse trabalho tem como objetivo analisar a imposição e recepção de forças opressoras na história em quadrinhos *Maus* e relacionar os elementos equivalentes presentes no estudo do renomado pedagogo Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, que explicita características e conceitos do ato de opressão que podem ser destacados no *graphic novel* em questão.

Juntamente com a instituição dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, a glorificação da raça ariana propagada por Adolf Hitler, o extermínio de judeus e de outras minorias serviu como ferramenta de demonstração de poder pelo líder nazista. Desse modo, esse estudo literário apresenta as consequências da opressão, definida teoricamente em *Pedagogia do Oprimido* e exemplificada em *Maus*. As experiências de vida e as situações nas quais os personagens se encontram na obra são evidenciadas e analisadas com o suporte teórico apresentado por Paulo Freire.

---

<sup>1</sup> Conflito que ocorreu na Europa, África e Oceania entre 1 de setembro de 1939 e 2 de setembro de 1945, resultando na morte de, em média, 85 milhões de pessoas.

O trabalho está dividido em três capítulos. O **Capítulo I** apresenta a biografia do cartunista Art Spiegelman e a repercussão popular de *Maus*. O **Capítulo II** fala sobre a síntese de história em quadrinhos e sua associação a literatura, o contexto histórico e o zoomorfismo predominante na obra. O **Capítulo III** apresenta exemplificações de opressão presentes em *Maus*.

Então, apresenta-se a **Metodologia da Pesquisa**, seguida pelas **Considerações Finais e Referências Bibliográficas**.

## 1. O CARTUNISTA: ART SPIEGELMAN

A história de vida do artista se apresentará nesse capítulo de maneira breve, traçando a trajetória de sua vida pessoal e profissional, bem como a motivação para a publicação de *Maus*, a repercussão que a obra adquiriu e a maneira pela qual foi aclamada pela mídia.

### 1.1 Biografia de Art Spiegelman

Art Spiegelman nasceu em 1948, em Estocolmo, na Suécia, mas foi naturalizado no Estados Unidos, para onde a família se mudou com o término da Segunda Guerra Mundial. É o segundo filho de Vladek e Anna<sup>2</sup> Spiegelman, um casal de judeus poloneses. O primeiro, Richieu Spiegelman, nasceu em 1937 e faleceu por envenenamento durante os perturbadores anos de Holocausto, antes mesmo de completar 10 anos de idade.

Estudou desenho durante o ensino médio e passou a desenhar profissionalmente aos 16 anos. Segundo o *website*<sup>3</sup> da *Steven Barclay Agency*, Spiegelman foi contra a vontade de seus pais na escolha de sua carreira. Anna e Vladek Spiegelman queriam que o rapaz se tornasse um dentista. Vladek, descontente com o movimento hippie que se estabeleceu no Estados Unidos durante a juventude do rapaz, almejava uma carreira lucrativa para o filho.

Além ser um provável traço de sua natureza, com o passar dos anos Vladek Spiegelman adotou atitudes mesquinhas. Demonstra a todo momento o demasiado valor que dá a bens materiais, sobretudo ao dinheiro, alegando que a sua própria história não teria tanta relevância por acreditar que não traria lucros para seu filho. Conforme apresentado na obra, tal ambição sempre fizera parte de seu ser. Sua ex-namorada, Lúcia, inconformada com o casamento de Vladek e Anja, chegou a enviar uma carta para a atual noiva do judeu, alegando que o mesmo estava casando por manter interesses financeiros e oportunos, já que Anja era de família rica.

---

<sup>2</sup> Ou Anja, como é chamada na obra.

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.barclayagency.com/speakers/art-spiegelman/>. Acesso em 15 mar. 2020.



Figura 1. Anja recebe uma carta alegando que Vladek está se casando com ela por dinheiro.

A conturbada relação de Art e seu pai se dá por diversos motivos. Apesar de Vladek e Anja quase nunca falarem de Richieu e do tempo em que ficaram em Auschwitz, Art via-se assombrado pelo passado dos pais. Por isso, chegou a ter um colapso nervoso enquanto estudava Arte e Filosofia na *Harpur College*, aos 20 anos de idade. Após ter se recuperado num hospital psiquiátrico, voltou a morar com os pais e passados 3 meses, sua mãe se suicidou. Dentre as diversas conturbações internas que apresenta em sua obra – sessões de terapia, dúvidas quanto à caracterização visual dos cenários contados por Vladek e conversas íntimas com sua esposa, Françoise – Art anexou em *Maus* uma tira que publicou numa revista *Underground*, sobre o suicídio de Anja, chamada Prisioneiro no Planeta Inferno (Anexo A).

Spiegelman fez parte do *Underground Comix*, o movimento artístico norte-americano que propagou a criação de quadrinhos com temáticas adultas. Trabalhou como consultor de criação na *Topps Bubble Gum Co.*<sup>4</sup> entre 1965 e 1987, criando ilustrações para *wacky packages*<sup>5</sup> da empresa. Em parceria com sua esposa, Françoise Mouly, fundou a revista de quadrinhos de vanguarda *RAW* em 1980, a qual trouxe cada capítulo de *Maus* em suas edições.

<sup>4</sup> Companhia americana que fabrica doces, chicletes e colecionáveis.

<sup>5</sup> Traduzido do inglês - Pacotes malucos, feitos com paródias e humor nos rótulos para comercializar produtos.

### 1.1.1 A repercussão da obra: *Maus*

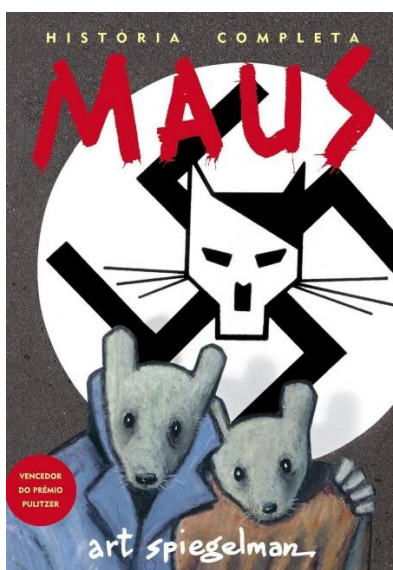


Figura 2. Capa do livro *Maus: A História de Um Sobrevivente*

A obra prima do cartunista Art Spiegelman, *Maus*, no decorrer das publicações na revista *RAW*, recebeu uma resenha bastante lisonjeira do *New York Times*<sup>6</sup> em 1986, atraindo a atenção da editora *Pantheon Books*, a qual lançou a primeira versão em formato de livro da obra, com os seis primeiros capítulos. O título era *Maus: A História de um Sobrevivente*, com o subtítulo *Meu Pai Sangra História*. Esse foi o primeiro volume da obra e o segundo, lançado em 1991 pela mesma editora foi subtítulo como *E Aqui Meus Problemas Começaram*. Mais tarde, os livros passaram a ser publicados em apenas um volume dividido em duas partes.

Na segunda parte da obra, Art Spiegelman já tinha o *feedback* da mídia perante o primeiro lançamento e o transcreveu em *E Aqui Meus Problemas Começaram*, no segundo capítulo:

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.nytimes.com/1986/11/10/books/books-of-the-times-589186.html>. Acesso em 15 mar. 2020.



Figura 3. Art Spiegelman conversa diretamente com o leitor sobre a repercussão de Maus

Apesar da boa recepção da crítica e da fama provocada por Maus, Art Spiegelman ainda carregava o fardo da opressão em suas costas, como uma espécie de herança de Vladek e Anja. Não utilizou facetas para a auto caracterização de um ser deprimido por aquilo que enfrentou desde o primeiro dia de sua vida, a repressão sofrida pela família, o preço de ser um judeu, o suicídio da mãe, o relacionamento conturbado com o pai, dentre outros traumas. Maus é, portanto, não apenas *A História de Um Sobrevivente*, como o próprio subtítulo, mas também um pedaço de uma família abalada pelas forças opressoras nazistas.

Art Spiegelman recusou as propostas para adaptações cinematográficas de *Maus* e também da utilização da obra para fins de alta lucratividade, como a exibição de propagandas. Na própria HQ, Art expõe um empresário que chega a citar Vladek como ferramenta de chantagem emocional, sabendo da obsessão do mesmo por dinheiro – que já havia sido registrada na primeira parte da obra.



Figura 4. Proposta para Art lucrar com Maus

Mesmo afirmando para a imprensa que não queria trazer nenhuma mensagem específica ao contar a história de seu pai, Maus tornou-se o primeiro *graphic novel* vencedor do *Prêmio Pulitzer*<sup>7</sup>, em 1992.

Em 2011, a *Pantheon Books* lançou a mais recente versão da obra, *MetaMaus: A Look Inside a Modern Classic, Maus*<sup>8</sup>, atualizada com um vasto material de apoio contendo entrevista com o autor, sua esposa, filhos, fotografias, vídeos, fotos e demais recursos interativos. Essa versão, ainda não disponibilizada no Brasil, foi premiada pela *National Jewish Book Award*<sup>9</sup> na categoria de biografia, autobiografia e memórias no mesmo ano de lançamento, pela *Eisner Awards*<sup>10</sup> na categoria *Best Comics-Related Book* no ano seguinte.

---

<sup>7</sup> Premiação estadunidense administrado pela *Columbia University* outorgado a trabalhos de composições musicais, jornalismo e literatura. Disponível em <https://www.pulitzer.org/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

<sup>8</sup> Tradução para o português: *MetaMaus: Um Olhar Por Dentro de Um Clássico Moderno, Maus*.

<sup>9</sup> Premiação administrada pela *Jewish Book Council*, uma organização que incentiva e promove a literatura judaica na América do Norte. Disponível em <https://www.jewishbookcouncil.org/awards/national-jewish-book-awards/past-winners?year=2011>. Acesso em: 17 mar. 2020.

<sup>10</sup> Premiação destinada a realizações criativas na indústria americana de histórias em quadrinhos. Disponível em <http://www.newsarama.com/comics/full-list-2012-eisner-award-winners.html>. Acesso em: 17 mar. 2020.



## 2. CONCEITO

Este capítulo apresentará a síntese do gênero história em quadrinhos, abordando sua importância no meio literário, especificando de que maneira Art Spiegelman elevou a seriedade dos saberes históricos contidos nas HQs, além de sintetizar o contexto histórico da obra e a sua característica mais marcante: o zoomorfismo. Os discursos de Adolf Hitler em *Mein Kampf*<sup>11</sup> serão analisados e contrastados com os de Paulo Freire em seu ensaio, *Pedagogia do Oprimido*, assim como o contexto de zoomorfismo.

### 2.1 História em quadrinhos e literatura

Existe um conflito ao categorizar Maus de maneira específica. Conforme citado no capítulo anterior, a obra já recebeu premiações em diferentes nomeações. Foi considerada uma obra de memórias, biográfica, autobiográfica e até mesmo uma ficção. Na 8ª reimpressão da obra, da editora *Cia. Das Letras*, é apresentada como uma história em quadrinhos norte-americana. O autor, envolvido no movimento *underground* de histórias em quadrinhos, inovou ao trazer uma história não fictícia para esse gênero, que se generalizava pelo protagonismo de heróis em roupas colantes e capas, com superpoderes e capazes de salvar o planeta das garras de super vilões do mal. Em Maus, o bem é caracterizado pelo sofrimento dos judeus e a aflição de estar sob ameaças, medo e fugas constantes. O mal, por sua vez, trata-se da *Wehrmacht*<sup>12</sup> uniformizada, armada e violenta.

Francisco Baptista Assumpção Junior (2001) fala sobre essa desconstrução em *Psicologia e história em quadrinhos* e salienta as histórias em quadrinhos como representantes de uma realidade de relevância e auto associação para os leitores e não apenas uma história distópica. Ele afirma dois aspectos nas HQs: “um imaginário, onde se concretizam sonhos e aspirações, e um real, relacionado aos padrões ideológicos da sociedade no qual se inserem” (JUNIOR, 2001, p. 16). Portanto, a história em quadrinhos

---

<sup>11</sup> Livro autobiográfico de Adolf Hitler, escrito durante o período em que ficou preso em Landsberg, no ano de 1924.

<sup>12</sup> Conjunto das forças armadas da Alemanha nazista.

vem conquistando um espaço na vida dos indivíduos com a sua atribuição de sentido para as histórias.

William Erwin Eisner, renomado artista de história em quadrinhos que contribuiu para o desenvolvimento desse gênero, defende o espaço das HQs no meio literário e não apenas artístico.

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinho é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (...) Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da Arte Sequencial (EISNER, 1989, p. 8)

Ainda desconstruindo a reputação das HQs como histórias ficcionais, Antônio Dutra (2003) toma *Maus* como exemplo para defender o saber histórico presente nos quadrinhos:

As histórias em quadrinhos são imediatamente associadas à ideia de ficção e é com muita dificuldade que HQs não-ficcionais têm reconhecido seu espaço. Veja-se o exemplo de *Maus*, de Art Spiegelman. A história, autobiográfica, é inteiramente documental, metade dela mostrando a luta do pai do autor, judeu de Varsóvia, para sobreviver a um campo de concentração durante a 2ª Guerra e a outra metade mostrando as conflituosas relações entre pai e filho na Nova Iorque dos anos 80. É um livro de memórias e um acerto de contas com o passado. Tem seu lugar garantido como uma das obras primas dos quadrinhos contemporâneos. E é contundente porque é real. (DUTRA, 2003, p. 1)

Art Spiegelman não é um escritor, é um talentoso ilustrador. Não deixou de trazer uma temática tão séria – o relato de um sobrevivente no massacre de 6 milhões de judeus – por ter sua área de atuação considerada um inferiorizado produto de massa. A ideia de relatar a história de Vladek Spiegelman em tirinhas e os encontros com o pai, com todas as desavenças e contratempos, contribuiu consideravelmente para o crescimento das HQs no âmbito literário, atribuindo sentido, História e cultura com uma trajetória verdadeiramente narrada pelo protagonista. Não há facetas a esconder nem a romantização de um herói destemido. Há verdade, há erros e acertos de Vladek, há seus momentos de fraqueza, de opressão, de humilhação e de luta pela sobrevivência perante os sentimentos que alternavam entre medo e coragem.

O cartunista norte-americano poderia facilmente ter idealizado a imagem do pai e ter feito dele o judeu exemplar, a vítima do nazismo que sofre diariamente com as consequências dos turbulentos anos vividos durante a Segunda Guerra Mundial, o herói da presente história em quadrinhos, mas não o fez. Traz todos os defeitos da vítima e explicita a dificuldade que ele, sua esposa e Mala<sup>13</sup>, enfrentavam ao conviver com Vladek. Ainda assim, Vladek Spiegelman é um homem que não chega nem perto de despertar a ira dos leitores. É evidenciado nas páginas e nas ilustrações de Art, com o decorrer da história, que todo seu temperamento difícil e todas suas peripécias são resultado da opressão que viveu por anos e também pelas suas perdas.

## **2.2 Zoomorfismo e contexto histórico**

A existência de animais falantes não está presente apenas em fábulas. Em *Maus*, todos os personagens são animais; ratos, gatos, porcos, cachorros, sapos, sendo cada um deles representações de um povo específico. A escolha de Art Spiegelman na caracterização dos personagens através de bichos não é ingênua e há uma metáfora que já se revela logo no título, *Maus*, que em alemão significa ratos e refere-se aos protagonistas do livro: os judeus. Como critério para a associação de cada povo a um animal, o autor aproveitou das divergências étnicas salientadas durante a Segunda Guerra Mundial e inclusive, relatou na obra sua dúvida para a caracterização dos franceses, especificamente a sua esposa, Françoise Mouly:

---

<sup>13</sup> A segunda esposa de Vladek Spiegelman, judia e também sobrevivente do Holocausto.



Figura 5. Processo de escolha de um animal para representar Françoise Mouly

A epígrafe do livro informa que “sem dúvida, os judeus são uma raça, mas não são humanos”, de acordo com Adolf Hitler, durante a propagação do nazismo e após ter assumido o cargo de *chanceler* da Alemanha em 1933. Hitler defendia o uso de propagandas para promover seus ideais, inclusive entre o meio artístico, literário e entre a imprensa. Em seu livro autobiográfico, *Mein Kampf*, considerado a bíblia nazista, o autor acentua a importância da propaganda para seus planos estatais:

(...) a constante preocupação da propaganda deve ser no sentido de conquistar adeptos, ao passo que a organização deve cuidar escrupulosamente de selecionar, entre os adesistas, os lutadores mais eficientes. A propaganda, portanto, não necessita examinar o valor de cada um dos por ela convertidos, quanto à eficiência, capacidade, inteligência ou caráter, enquanto que a organização deve escolher cautelosamente, da massa destes elementos, os que efetivamente têm capacidade para levar o movimento à vitória. (HITLER, 1925, p. 247)

E explica a sua interpretação de propaganda:

A propaganda trata de impor uma doutrina a todo o povo; a organização aceita no seu quadro unicamente aqueles que não ameaçam se transformar em obstáculo a uma maior divulgação da idéia. (...) Quando a propaganda já conquistou uma nação inteira a uma idéia, surge o momento asado para a organização, com um punhado de homens, retirar as conseqüências práticas. (HITLER, 1925, p. 247)

Ou seja, o *Führer*<sup>14</sup> pretendia doutrinar a população através de seus discursos racistas, antisemitas, anticomunistas, nacionalistas e sobretudo extremistas. Para isso, associou o seu conceito de propaganda com a necessidade de uma organização para dar prosseguimento às suas propagações:

O primeiro dever da propaganda consiste em conquistar adeptos para a futura organização; o primeiro dever da organização consiste em conquistar adeptos para a continuação da propaganda. O segundo dever da propaganda é a destruição do atual estado de coisas e a disseminação da nova doutrina, enquanto que o segundo dever da organização deve ser a luta pelo poder para conseguir, por esse meio, o sucesso definitivo da doutrina. (HITLER, 1925, p. 247)

O líder nazista utilizava uma linguagem persuasiva em seus discursos, a fim de atrair o povo a seguir seus ideais, especialmente quanto a sua intolerância às demais etnias que não fossem de origem ariana. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, explica como esse ato de persuasão se resulta numa notável manipulação de massas:

Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbanas), tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder. (FREIRE, 2019, p. 198)

Enquanto, pelo lado opressor, haveria a concepção de que “a mais alta missão da organização é, pois, tomar precauções para que não nasçam divergências íntimas, entre os adeptos do movimento, que possam originar uma desarmonia e, com isso, um enfraquecimento da causa, e para que se conserve sempre o espírito de ataque e de resolução” (HITLER, 1925, p. 247), por outro lado, esclarecia-se que “a manipulação aparece como uma necessidade imperiosa das elites dominadoras, com o fim de, através dela, conseguir um tipo inautêntico de “organização”, com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo” (FREIRE, 2019, p. 199). Assim, podemos afirmar que Adolf Hitler, com o incentivo do termo “luta” já evidente no título de seu livro e com seu discurso como meio de manipulação, moveu toda a população a seguir seus ideais extremistas e, dessa maneira, fez do povo seu instrumento de poder, e,

---

<sup>14</sup> Condutor - traduzido do alemão. Refere-se a Adolf Hitler, nome pelo qual também ficou conhecido durante seu período de liderança do Partido Nazista.

portanto, os oprimiu. A população alemã, manipulada, curvou-se diante de suas ideias, incapaz de discernir as consequências que esse movimento geraria futuramente, projetando em si mesmos um reflexo do opressor. Paulo Freire explica:

Na “imersão” em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a “ordem” que serve aos opressores que, de certa forma, “vivem” neles. “Ordem” que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agredem os próprios companheiros. É possível que, ao agirem assim, mais uma vez explicitem sua dualidade. Ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também “hospedado” neles e nos outros. Agridem, como opressores, o opressor nos oprimidos. (FREIRE, 2019, p. 68)

O discurso de cunho religioso também foi uma ferramenta bastante utilizada por Hitler. Com o predomínio do Cristianismo na Alemanha, Adolf reuniu forças populares para não apenas assumir o poder e propagar suas ideias de aniquilação de minorias, mas também para iniciar um conflito contra os judeus como principais alvos e inimigos da pátria. Hitler dizia que, em prol da religiosidade, acabaria com a presença judaica na nação e apontou em seu livro diversos pensamentos que carregava consigo para convencer a população de que todos os problemas econômicos da Alemanha se davam por culpa deles. O *Führer* não policiou suas palavras carregadas de ódio para se referir aos judeus em *Mein Kampf*, que é repleto de citação aos mesmos e de ideologias que os apontam como a verdadeira escória da humanidade.

Se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua coroa de vitórias será a coroa mortuária da raça humana e, então, o planeta vazio de homens, mais uma vez, como há milhões de anos, errará pelo éter. A natureza sempre se vingará inexoravelmente de todas as usurpações contra o seu domínio. Por isso, acredito agora que ajo de acordo com as prescrições do Criador Onipotente. Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus. (HITLER, 1925, p. 32)

Ao repudiar a miscigenação, trouxe em sua autobiografia as justificativas para isso, alegando que as raças “puras” são naturalmente mais fortes e portanto, melhores e superiores:

Em poucas palavras, o resultado do cruzamento de raças é, portanto, sempre o seguinte:

- A) Rebaixamento do n. 1 da raça mais forte;
- B) Regresso físico e intelectual e, com isso, o começo de uma enfermidade, que progride devagar, mas seguramente. Provocar semelhante coisa não passa então de um atentado à vontade do Criador, o castigo também corresponde ao pecado. Procurando

rebelar-se contra a lógica férrea da Natureza, o homem entra em conflito com os princípios fundamentais, aos quais ele mesmo deve exclusivamente a sua existência no seio da humanidade - Desse modo, esse procedimento de encontro às leis da Natureza só pode conduzir à sua própria perda (HITLER, 1925, p. 126).

Em *Hitler e o Holocausto*, Robert S. Wistrich explica que:

Nascer judeu, aos olhos de Adolf Hitler e o regime nazista, significava, *a priori*, não pertencer ao gênero humano e, portanto, não ter direito à vida. Houve outras vítimas inocentes da ideologia racial nazista: ciganos, considerados de raça impura, foram mandados para a câmara de gás; russos, poloneses, e outros povos oriundos de nações ocupadas pelos nazistas na Europa Oriental foram reduzidos à escravidão; até mesmos alemães, marcados por defeitos físicos ou mentais congênitos, foram condenados à morte, até que o clamor da opinião pública forçasse o regime a atenuar a aplicação desta última política (WISTRICH, 2002, p. 13/14).

Em 1996, o jornal norte-americano *The New York Times* publicou um artigo que expõe um fragmento do diário de Joseph Goebbels com o decaimento do nazismo no final da guerra, poucos meses antes de sua rendição, em 1945. O Ministro da Propaganda Nazista, indignado com o colapso que enfrentava, acabou criticando as atitudes de Hitler e as culpando pelo fracasso da Alemanha naquele período da Segunda Guerra Mundial. No diário, há o registro de uma discussão entre ambos sobre o destino dos judeus. Na ocasião, Goebbels disse que “é necessário exterminar esses judeus como ratos, de uma vez por todas. Na Alemanha, graças a Deus, já cuidamos disso. Espero que o mundo siga esse exemplo.”<sup>15</sup>

Entretanto, essa não foi a primeira vez que os judeus, sob a perspectiva nazista, foram igualados a ratos. Esse fato, presente em *Maus*, propagou-se desde o início da ascensão ao nazismo. Conforme já salientado no presente trabalho, Adolf Hitler foi a fundo com seus planos racistas disfarçados de patriotismo e, ao trazer a suástica pela primeira vez ao país, iniciou um processo de genocídio que se estenderia pelos seguintes anos.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/1978/01/03/archives/goebbels-in-published-1945-diary-blames-goring-for-nazis-collapse.html>. Acesso em: 19 mar. 2020.



Figura 6: A primeira aparição da suástica em Tchecoslováquia presenciada por judeus

A ideologia intolerante de Adolf Hitler presente em sua autobiografia foi ganhando espaço em seus discursos públicos e assim, iniciou-se a perseguição aos judeus, inicialmente com a invasão da Polônia. Rapidamente, o nazismo se instaurou nos países vizinhos e foi aos poucos, reprimindo o povo judeu, com o auxílio direto e indireto das populações que se moveram diante do princípio nazista. A “caça” aos judeus e a outras minorias havia se iniciado, e foi a partir desse fato que todos, inclusive mulheres, idosos e crianças passaram a ser associados a ratos.

Dentre todos os detalhes da vida de Vladek contados por ele mesmo e registrados em *Maus*, há também o momento em que o judeu ouve falar sobre os primeiros sinais da “caça aos judeus” que iniciou em Bielsko, onde estavam bem estabelecido com sua fábrica e família:



Figura 7. Relato de um alvoroço envolvendo judeus



Em 2 de fevereiro de 1939, no início da guerra, o jornal diário austríaco *Das Kleine Blatt* publicou um desenho<sup>16</sup> que representava um grupo de ratos – com rostos de judeus<sup>17</sup> – sendo literalmente expulsos da Alemanha e impedidos de entrar em “países democráticos”:

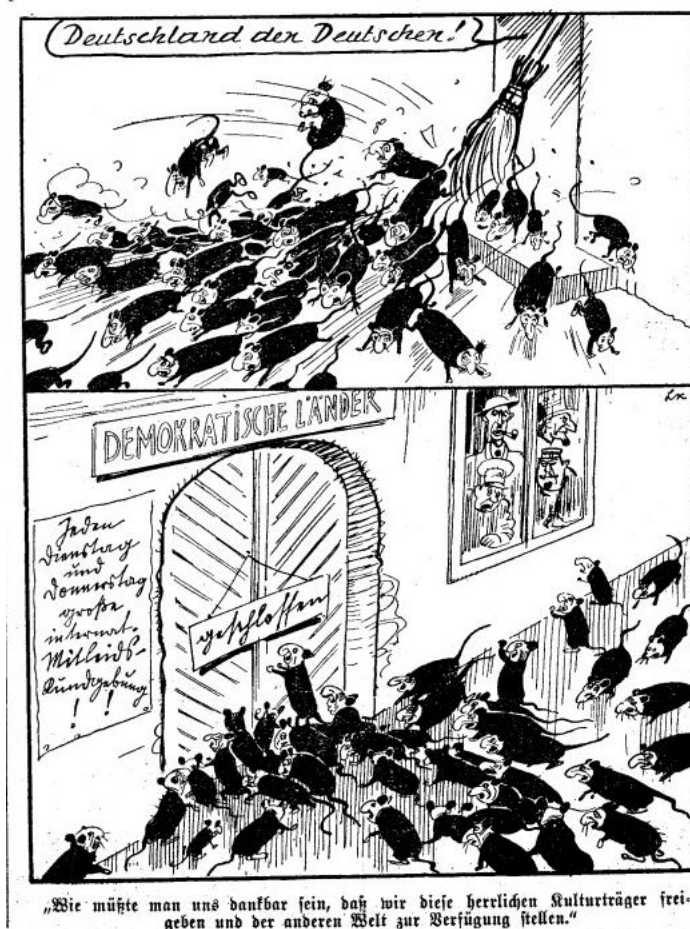


Figura 8. Ratos com rostos de judeus numa publicação do *Das Kleine Blatt*, um jornal austríaco, em 2 de fevereiro de 1939

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/media/daily-mail-criticised-by-social-media-users-for-cartoon-on-refugees-a6737976.html>. Acesso em: 19 mar. 2020.

<sup>17</sup> Em 1940, um filme chamado *Der Ewige Jude* (O Eterno Judeu) foi lançado com imagens dos judeus que vivem nos guetos, o qual apresentava o povo judeu como um inimigo a ser derrotado. Nesse documentário, cuja empresa estatal responsável pela produção cinematográfica tinha Joseph Goebbels como representante, uma forma de identificar esses povos através de aspectos físicos é apresentada ao povo. Disponível em: <https://archive.org/details/TheEternalJewDerEwigeJude1940>. Acesso em: 20 mar. 2020.

O jornal *Der Stürmer*, um semanário nazista escrito por Julius Streicher, foi um grande responsável da propagação antisemita. Numa *charge*<sup>18</sup>, publicada em dezembro de 1927, há uma árvore cercada por ratos mortos – representantes da imprensa e da bolsa de valores, bombardeados com gás venenoso aplicado por um militar nazista. Essa árvore representa a Alemanha, conforme escrito em seu tronco. A figura representa claramente os ideais nazistas, demonstrando um certo patriotismo em relação a Alemanha e apontando a imprensa e a bolsa de valores como ameaças ao país, enquanto o nazista, ao aniquilar os ratos, a salva:



Figura 9: Publicação do jornal *Der Stürmer*, no ano de 1927. O texto diz: “se os vermes estão mortos, o carvalho alemão fica verde novamente!”

O editor Julius Streicher escreveu no mesmo diário, no ano de 1938, que “os judeus são um povo de bastardos, afligidos por todas as doenças, são um povo de criminosos e párias. Eles são portadores de doenças e vermes entre os homens. Uma maçã podre não pode ser assimilada por uma cesta de

<sup>18</sup> Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/sturm28.htm>. Acesso em: 20 mar. 2020.

maçãs saudáveis. Ratos e camundongos não podem ser reconhecidos como animais de estimação úteis e viver na comunidade. Bactérias, vermes e pragas não podem ser tolerados. Por razões de limpeza e higiene, devemos torná-los inofensivos, matando-os. Por que devemos reprimir nosso sentimento de limpeza e higiene quando se trata de judeus?”<sup>19</sup>

Art Spiegelman, por sua vez, ao representar os judeus como ratos, não o faz no sentido pejorativo, como propagava o Partido Nazista aos países da Europa. O autor trouxe a própria identidade para a história, caracterizou sua família como ratos através de uma metáfora, evidenciando a opressão pela qual passaram. Informou, inclusive, numa entrevista<sup>20</sup> publicada no *The New York Review of Books*, que Hitler foi um colaborador em Maus devido à contínua associação de ratos e judeus. Os ratos, de acordo com as exemplificações desse capítulo, não eram, portanto, apenas roedores asquerosos, mas alvo de extermínio de um movimento que tomou enormes proporções. Eram oprimidos.

Pode-se entender por zoomorfismo como “a crença na possibilidade de transformação do homem em animal”<sup>21</sup> e através desse processo que Art Spiegelman traz a estética judaica em sua obra. De acordo com o Waldman (2009):

O uso da face animal para os homens talvez se deva ao fato de o passado ser visualmente inacessível ao autor. Assim, como representá-lo através do desenho? Que cara atribuir à vítima e ao perpetrador? Como particularizá-las? Entretanto, não se pode esquecer que o autor, em sua opção por representar os judeus como ratos traz para o corpo de seu trabalho um elemento forte e negativo da figuração que os nazistas faziam dos judeus em cartazes de propaganda, filmes, discurso, etc., associando a essa imagem a noção de sujeira, dejetos deflagradores de epidemia a ser eliminado como medida de higiene. Se a autenticidade realista não estava entre os objetivos de Spiegelman, essa opção poderia sinalizar uma adesão ao inimigo. Mas, ao contrário, o autor desconstrói o modelo de judeu nazista ao atribuir múltiplas qualidades aos ratos: são bons, solidários, ranzinzas, obsessivos, enfim, apresentam qualidades e defeitos, como qualquer ser humano. Neste sentido, o autor implode a construção monolítica e maniqueísta, humanizando a imagem. (WALDMAN, 2009, p. 317)

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.richardwebster.net/print/xofratsandmen.htm>. Acesso em: 20 mar. 2020.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.nybooks.com/daily/2011/10/20/why-mice/>. Acesso em 23. mar. 2020.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://www.dicio.com.br/zoomorfismo/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Essa citação pode ser exemplificada na obra quando, após a morte de seu pai, Art Spiegelman se perde em conflitos internos, aparentemente deprimido pelos fatos. Sem saber lidar com a repercussão atingida pelo primeiro volume de Maus, no segundo, o autor registra a dificuldade visual que enfrenta para desenhar o cenário registrado por Vladek nas gravações dos relatos, durante uma consulta em seu terapeuta:

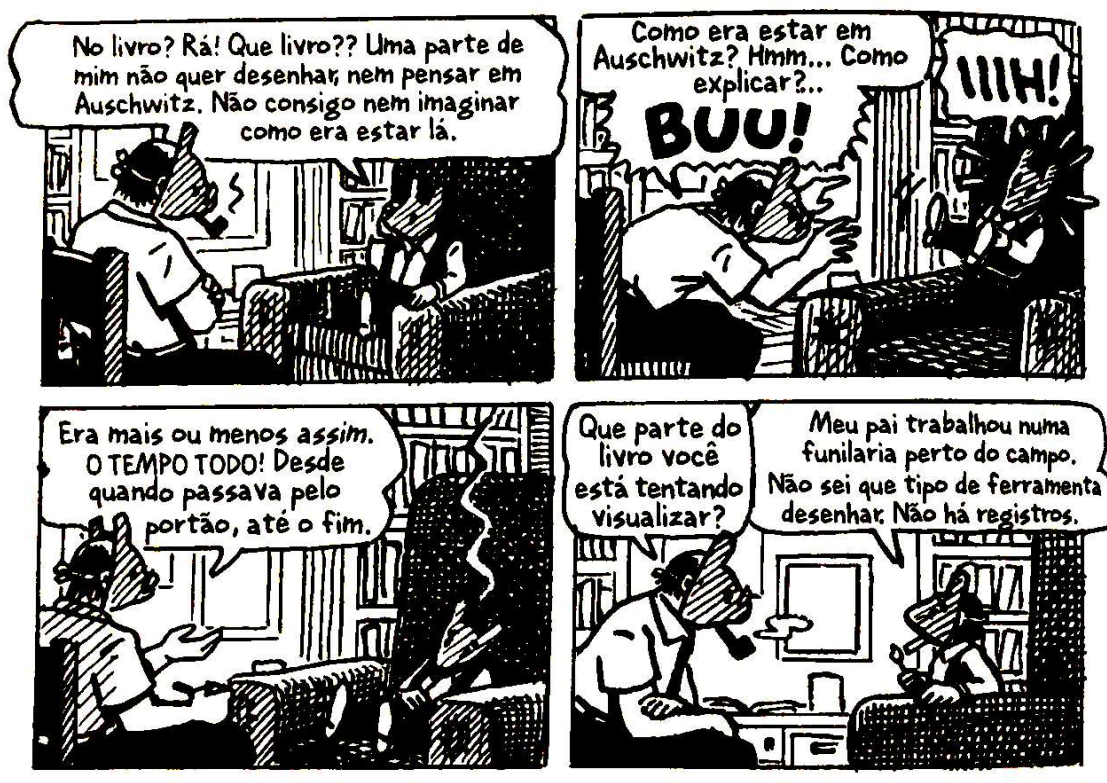


Figura 10. Art Spiegelman durante a sessão de terapia

É possível afirmar que Art Spiegelman, através do zoomorfismo, traz uma grande metáfora para a obra. Enquanto a caracterização de judeus como ratos durante muitos anos tinha como objetivo ridicularizá-los, Spiegelman procurava humanizá-los. A todo momento na obra isso é salientado, principalmente ao atribuir diferentes animais para representações de povos de diversificadas etnias. Inclusive, ainda durante a sessão de terapia, seu terapeuta é apresentado; se chama Pavel, é um judeu tcheco, sobrevivente de Terezin e Auschwitz e, principalmente, é muito receptivo com os animais - Art chega a mencionar que ele vive cercado de cães e gatos. Nesse momento, o

autor provoca o leitor, perguntando se o fato de ter mencionado – e ilustrado – isso acabaria com a sua metáfora:



Figura 11. Primeira aparição de um animal de verdade na obra Maus

O conceito de associação dos judeus aos ratos também justifica a caracterização de outros povos, como é o caso dos nazistas. Em Maus, são representados por gatos. Em histórias, fábulas, desenhos animados e no dia-a-dia, o rato é tido como uma presa fácil para o felino, que instintivamente é designado a caçá-lo. Brincadeiras, jogos e dinâmicas foram nomeadas de “gato e rato”, no qual o predador é incumbido de alcançar a presa. Art Spiegelman não poderia ter escolhido outro animal que se encaixasse com maior exatidão em sua obra e, portanto, em sua metáfora. O gato, com a superioridade que lhe é atribuída, representa os nazistas, que no mundo real, foram doutrinados a acreditar em sua plena superioridade, de acordo com os princípios de Adolf Hitler.



Figura 12. Oficial nazista sendo representado por um gato

Os judeus, por sua vez, são representados por ratos e essa metáfora protagoniza a obra. Está no título, no contexto histórico – determinado pelas Propagandas Nazistas – e na apresentação do termo “gato e rato”, bem como suas denominações presentes no mundo. Enquanto os verdadeiros ratos vivem



escondidos da sociedade em lugares precários e extremos para que não sejam apanhados, os judeus procuravam esconder-se durante a Segunda Guerra para salvar suas próprias vidas. Tanto no mundo real quanto em Maus, os ratos temem pela sua descoberta para assegurar sua sobrevivência. Na obra, Vladek Spiegelman vive se escondendo. Contou com a ajuda de poloneses através de suas negociações – Vladek Spiegelman tinha muitos bens materiais do qual se aproveitou para salvar a própria vida e a de Anja – e também chegou a fazer o próprio *bunker*<sup>22</sup> para si e sua família nas casas que residiu. Além das gravações de voz e dos registros de Art, Vladek também chegou a desenhar os esconderijos para melhor compreensão, enquanto contava sua história ao filho:

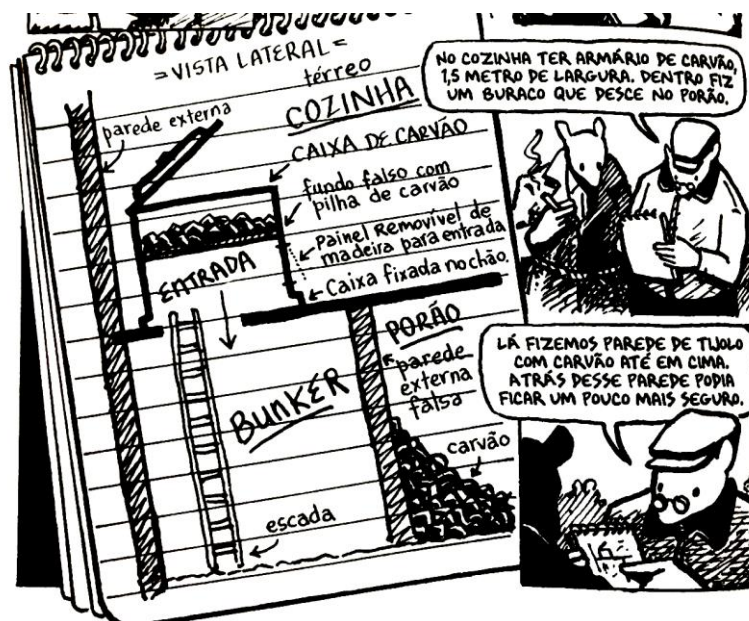


Figura 13. Vladek desenha seu *bunker* para Art

Portanto, assim como os verdadeiros ratos, judeus também precisavam de esconderijos extremos para assegurar a própria vida e não serem caçados pelos tais gatos. Não havia outra opção e nem defesa do crime que cometeram e que carregavam em sua identidade; serem ratos.

Ainda na mesma linha metafórica de gato e rato, temos o cachorro, que está no topo na classificação desse trio. Também é popularizado como “predador”, de acordo com sua rivalidade com os gatos. Enquanto o gato caça

<sup>22</sup> Esconderijo subterrâneo que contém tudo o que alguém precisa para sobreviver. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/bunker/7735/>. Acesso em: 23. mar. 2020

o rato, o cachorro persegue o gato. Em Maus, essa metáfora é atribuída aos americanos, que são cachorros. Os grandes vencedores da Segunda Guerra Mundial, os que acabaram vencendo os gatos, portanto, são os cachorros. A ocupação dos territórios nazistas por americanos no final da Segunda Guerra eclodiu na vitória dos Aliados<sup>23</sup>.



Figura 14. Americano sendo representado por um cachorro

Os poloneses, que sucumbiram aos ideais nazistas propagados na época, aparecem na obra como porcos. Vladek obteve a ajuda de alguns deles, enquanto outros demonstravam repúdio ao judeu.



Figura 15. Polonês representado por porco e Vladek Spiegelman disfarçado de soldado polonês

<sup>23</sup> Conjunto dos países (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética) que se opuseram ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Vladek Spiegelman, como um bom rato, precisou em eventuais vezes se passar por um polonês para esconder sua real identidade. O cartunista, preocupado com a humanização dos personagens, representou isso na obra através de uma máscara, conforme indicado pela Figura 15. Ao serem descobertos, porém, a metáfora prossegue; os nazistas literalmente tomam-lhe as máscaras:



Figura 16. Judeus sendo descobertos por um guarda nazista

Nos últimos tempos enquanto prisioneiro, Vladek Spiegelman foi transferido para o Campo de Concentração de Dachau, na Alemanha. Nesse local de extermínio, havia um prisioneiro francês que se tornou amigo de Vladek e foi caracterizado como um sapo, diferente de Françoise<sup>24</sup>, esposa de Art.



Figura 17. Francês representado por um sapo

<sup>24</sup> Conforme abordado na página 171, a esposa de Art Spiegelman, mesmo de origem francesa, foi retratada como uma rata devido ao seu convertimento ao judaísmo.



No final da guerra, Anja passou a procurar por Vladek em Sosnowiec com o apoio da Comunidade Judaica. Sem saber o paradeiro do marido e movida pelo desespero, chegou a fazer uma consulta com uma cigana, que não escapou da representação cômica de Art Spiegelman e surgiu na obra representada por uma borboleta. Tal atribuição está relacionada ao espírito nômade dos ciganos, visto que as borboletas são seres livres de constante transição.



Figura 18. Cigana representada por uma borboleta

Sem motivo específico, os suecos aparecem como renas em um único momento da obra, quando Vladek se torna sócio de um comerciante após ter reiniciado sua vida com o fim da guerra e sua libertação. Nessa passagem, eles são tidos como cidadãos agradáveis, não demonstraram receio ao fazer negócios com um judeu, o que seria uma atrocidade para outros povos.



Figura 19. Vladek Spiegelman fazendo negócios com um sueco representado por uma rena

### 3. OPRESSÃO

No terceiro e último capítulo, alguns pontos de Paulo Freire serão apresentados e exemplificados com as experiências de um oprimido: Vladek Spiegelman, relacionando os meios de opressão citados pelo pedagogo em *Pedagogia do Oprimido* e a opressão vivida em tempos de Holocausto, assim como as consequências dessa opressão na vida de Vladek, mesmo com o passar dos anos.

#### 3.1 Pedagogia do Oprimido em Maus

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 2019, p. 43)

Maus é uma obra que traz uma história de superação e sobrevivência. Através de um gravador de voz e de suas habilidades como cartunista, Art Spiegelman registrou a vida de um oprimido que, com muito sacrifício, perdas, conquistas, violência e repressão, permaneceu vivo para compartilhar sua trajetória. O genocídio liderado por Adolf Hitler aniquilou grande parte dos judeus da Europa e o relato de um sobrevivente que presenciou esse fato histórico, registrado de maneira humanizada, é um grande exemplo daquilo que a opressão causa na vida de um indivíduo.

No primeiro capítulo de sua obra, *Justificativa da Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire fala sobre a contradição opressores-oprimidos. Ele explica que o opressor, ao exercer a sua força, pode levar os oprimidos a se libertarem e libertarem o opressor, pois “os que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos” (FREIRE, 2019, p. 41) e com sua falsa generosidade, perpetuam a injustiça e conseqüentemente, a opressão. Dessa maneira, os oprimidos podem, também, hospedar o opressor em si mesmos e enquanto não se descobrirem hospedeiros da opressão, não se libertam. Um exemplo dessa síntese encontra-se no relato de Vladek Spiegelman enquanto prisioneiro no Campo de Concentração de Auschwitz, quando procurava trabalho de funileiro como uma manobra de sobrevivência. Ydl era um judeu russo, chefe da funilaria. Mesmo que o cargo de liderança

tenha lhe sido atribuído, Ydl não deixava de ser um prisioneiro, usava o famoso pijama listrado que todos os prisioneiros eram obrigados a vestir. Tinha alguns benefícios, como eventuais refeições – assim como Vladek teve quando oferecia trabalhos que interessavam às autoridades, mas fazia parte das minorias que foram condenadas a viver nos campos, pois além de russo e judeu, era comunista. Ou seja, tinha todas as características que o líder nazista Adolf Hitler repudiava e por isso era um oprimido com conduta opressora. Paulo Freire esclarece:

(...) os oprimidos, em vez de buscar a libertação na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes é clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade (FREIRE, 2019, p. 44).

O tom autoritário e o discurso de cunho comunista – julgando Vladek por ser um “explorador” como proprietário de fábrica – revelam a opressão em Yidl, mas não o isentam da posição de oprimido:



Figura 20. Yidl sendo autoritário com Vladek

Yidl não é o único personagem com a dualidade oprimido-opressor presente. Ao longo da obra, tanto Vladek quanto Anja acabam conhecendo diversas pessoas que, independente da etnia, auxiliam na sua sobrevivência ou contribuem para sua debilidade, como é o caso dos *kapos*<sup>25</sup>:

<sup>25</sup> Prisioneiros em campos de concentração nazistas que tinham a função de executar tarefas ou supervisionar demais prisioneiros.



Figura 21. Kapo polonesa ameaça as demais prisioneiras

Entretanto, não se deve deixar levar pelos episódios de amparo de alguns

personagens, pois:

Descobrir-se na posição de opressor, mesmo que sofra por este fato, não é ainda solidarizar-se com os oprimidos. Solidarizar-se com estes é algo mais que prestar assistência a trinta ou a cem, mantendo-os atados, contudo, à mesma posição de dependência. Solidarizar-se não é ter a consciência de que explora e “racionalizar” sua culpa paternalistamente (FREIRE, 2019, p. 49).

Além disso, Vladek só recebia tais solidariedades quando oferecia algum tipo de serviço em troca. Na figura a seguir, é possível exemplificar o caso de uma falsa gratidão do opressor após ter intimado o oprimido a fazer o serviço. Vladek recebeu comida, mas não se alimentava direito há incontáveis meses. Uma salsicha como ato de retribuição, portanto, não contava como solidariedade e é por isso que tal atitude, vinda de um opressor, não deve ser considerada como tal.



Figura 22. Vladek recebe comida após ter finalizado o serviço

Vladek Spiegelman, quando retornou a Auschwitz como prisioneiro (ele contou que vendia tecidos em Oswiecim, onde se localizava o campo), passou por diversas situações de opressão sob domínio dos nazistas. Seguindo os princípios do Partido Nazista, os guardas eram ordenados a raspar o cabelo de

todos os prisioneiros, recolher seus pertences e documentos, selecionar quem ficaria no campo trabalhando e quem logo morreria. Na verdade, não havia esperança de se sair vivo de um campo de concentração. Os judeus e a demais população não sabiam exatamente o que se passava naqueles lugares, mas pelo fato de serem transportados em vagões de gado, sem água, sem comida e sem banheiro, durante dias, já poderiam presumir que nada de bom poderiam esperar. Não depois de terem sido expulsos de suas próprias casas, perdido seus estabelecimentos e fábricas e não depois da construção dos guetos, para onde foram mandados e sentenciados a viver sob condições miseráveis.

Pode-se afirmar que os nazistas carregavam consigo o sadismo presente

nos opressores, conforme justificativa de Paulo Freire:

Essa tendência dos opressores de inanimar tudo e todos, que se encontra em sua ânsia de posse, se identifica, indiscutivelmente, com a tendência sadista. (...) O sadismo aparece, assim, como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida. (FREIRE, 2019, p. 64).



Figura 23. Vladek relembra como os prisioneiros morriam nas covas no Campo de Concentração de Auschwitz





Figura 24. Vladek relembra o destino de algumas crianças judias

Num determinado momento da trajetória de Vladek, assim como na consulta de Art com o terapeuta Pavel, a metáfora sai de cena para retratar um animal de verdade, novamente um cachorro. Sabe-se que em Maus, a caracterização animal dá sentido à história e é a característica mais marcante da obra, mas durante a Marcha da Morte<sup>26</sup>, a metáfora é sintetizada pelo próprio Vladek (anexo B).

Ao comparar o homem com o cão que perpetuou em sua memória, Vladek

Spiegelman nos remete à mesma questão do zoomorfismo presente em todas as páginas: na equiparação do humano ao animal. Ainda que os judeus sejam, o tempo todo, taxados como ratos e Vladek o tenha feito com um cachorro, a síntese é a mesma, pois traz a desumanização. Após ter sido submetido a condições precárias, o prisioneiro morreu como um animal e até Vladek, cuja consciência – até então – não era opressora, disseminou isso.

<sup>26</sup> Com a aproximação da União Soviética nos territórios nazistas e na urgência de extinguir testemunhas do crime do Holocausto, houve uma evacuação dos Campos de Concentração e a transferência dos prisioneiros para o oeste. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/death-marches-abridged-article>. Acesso em: 29. mar. 2020.

Paulo Freire (2019) compara a atitude de animais sob uma perspectiva de opressão com a dos oprimidos, e conclui de maneira fiel ao que foi relatado em *Maus*:

(...) ao não poder objetivar-se nem à sua atividade, ao carecer de finalidades que se proponha e que proponha, ao viver “imerso” no “mundo” a que não consegue dar sentido, ao não ter um amanhã nem um hoje, por viver num presente esmagador, o animal é a-histórico. (FREIRE, 2019, p. 123).

É claro que os judeus, como prisioneiros de guerra, não podem ser considerados “a-históricos”, mas viviam sob circunstâncias semelhantes às descritas; não tinham um amanhã e nem um hoje, apenas um “presente esmagador”. Não tinham perspectiva e nem esperança de um futuro. Só sentiam fome, e apenas nela pensavam.

Freire prossegue ao que se refere aos animais e ao que podemos associar aos oprimidos da *HQ*:

Sua condição de a-histórico não lhe permite *assumir* a vida, e, porque não a assume, não pode construí-la. E, se não constrói, não pode transformar o seu contorno. Não pode, tampouco, saber-se destruído em vida, pois não consegue alongar seu *suporte*, onde ela se dá, em um mundo significativo e simbólico, o mundo compreensivo da cultura e da história. Esta é a razão pela qual o animal não animaliza seu contorno para animalizar-se, nem tampouco se desanimaliza. (FREIRE, 2019, p. 124).

As “situações-limite” que são descritas em *Pedagogia do Oprimido*(2019) tratam-se do ser e o ser mais. Os homens, conscientes de si, se tornam capazes de superar e negar a situação pela qual são submetidos. O autor fala disso no sentido de libertação, em que os oprimidos se deparam com a possibilidade de serem mais e portanto, garantirem sua emancipação da opressão:

Ao se separarem do mundo, que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmos, ao terem o ponto de decisão de sua atividade em si, em suas relações com o mundo e com os outros, os homens ultrapassam as “situações-limite”, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, mais além das quais nada existisse. No momento mesmo em que os homens as apreendem como freios, em que elas se configuram como obstáculos à sua libertação, se transformam em “percebidos destacados” em sua “visão de fundo”. Revelam-se, assim, como realmente são: dimensões concretas e histórias de uma dada realidade. Dimensões desafiadoras dos homens, que incidem sobre elas através de ações que Vieira Pinto chama de “atos-limite” – aqueles que se dirigem à superação e à negação do dado, em lugar de implicarem sua aceitação dócil e passiva. Esta é a razão pela qual não são as “situações-limite”, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas num

dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar (FREIRE, 2019, p. 125/126).

Na obra de Art Spiegelman e também na História, por outro lado, era necessário muito além da consciência como parte de sua libertação, pois, em *Pedagogia do Oprimido*, os oprimidos não são prisioneiros de guerra sentenciados a uma morte lenta, são, especificamente, vítimas da hierarquia de classes. Ainda assim, muito se pode aproveitar dos conceitos de Paulo Freire, e encontrar nas páginas de *Maus*. A situação-limite mais óbvia para essa colocação é, indubitavelmente, a fome e o desamparo:



Figura 25. Prisioneiros judeus lutam entre si por comida

Paulo Freire acredita na divisão para opressão como uma “dimensão fundamental da teoria da ação opressora” (FREIRE, 2019, p. 190). Mais especificamente, na separação dos oprimidos pelos opressores a fim de personificar o ideal opressor sobre eles:

Na medida em que as minorias, submetendo as majorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder. (...) O que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão, ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos (FREIRE, 2019, p. 190).

A divisão que parte dos opressores aconteceu primeiramente com a perda dos negócios, após a invasão nazista na Polônia e sua ascensão na Alemanha. Os judeus, que em sua grande parte eram proprietários de fábricas e estabelecimentos, foram forçados a vender seus empreendimentos ou foram até mesmo expulsos dos próprios lugares, tomados por outros “novos proprietários”:





Figura 26. Vladek fica sabendo dos primeiros atos contra judeus na Alemanha

Com a nova movimentação e a ameaça que foi se instaurando, muitos judeus pensaram em se mudar como uma medida de proteção, pois sabiam que o antissemitismo estava entre os ideais nazistas que estavam sendo impostos. Movidos pelo medo, estavam começando a ficar encurralados. Vladek, por sua vez, teve a confirmação de uma guerra se aproximando quando foi convocado para o Exército Polonês em 24 de agosto de 1939 e, para o interesse das forças opressoras, foi separado de sua família e consequentemente, fragilizado:



Figura 27. Vladek se separa da família pela primeira vez

Quando voltou para casa, passou a morar com os sogros e a família de Anja, que ainda levavam uma vida luxuosa. Estava cada vez mais difícil para os judeus e eles foram convocados para o gueto, onde milhares de judeus e ciganos viviam em condições precárias, com pouca comida e nenhuma assistência. Mais uma vez a família teve de ser dividida, pois os avós de Anja, idosos, foram levados. Todos passaram a ficar escondidos num *bunker* no gueto, mas com a separação da família como estratégia para não serem enviados aos campos, Vladek e Anja permaneceram juntos, escondendo-se em estábulos, granjas e Richieu foi morar com um parente, Persis, que era membro do Conselho Judaico em Zawiercie. Quando este foi morto pelas autoridades, Tosha, preferiu tirar sua vida e a de suas crianças, inclusive Richieu:

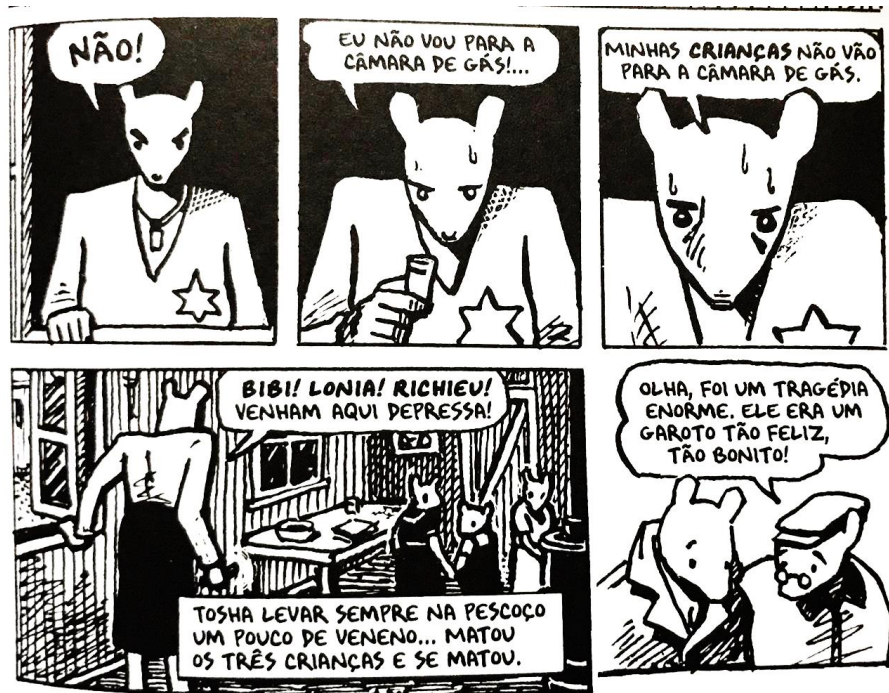


Figura 28. Tosha antecipa sua morte, a de seus filhos e a de Richeu Spiegelman

Diante desses exemplos e de outros contidos na HQ, é possível afirmar que a divisão da família os enfraqueceu e trouxe consequências a longo prazo – como o fato de Vladek nunca ter superado a morte do filho, conforme demonstrou nos episódios de relato com Art.

Em uma das passagens do livro, Paulo Freire fala do amor como uma resposta dos oprimidos para a força da opressão:

Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Consciente ou inconsciente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor (FREIRE, 2019, p. 59).

O ato de rebelião que podemos usar como exemplo é o momento em que

Vladek se arrisca para oferecer melhores condições para a esposa, Anja, em Auschwitz. Ela estava em Auschwitz Birkenau (Auschwitz II), onde só haviam mulheres. Vladek juntou tudo o que conseguia de pagamento enquanto sapateiro nos campos para subornar as autoridades e ajudar Anja:





Figura 29. Vladek conta os processos de economia de bens e suborno para se aproximar de Anja em Auschwitz

É correto afirmar que a opressão sofrida por judeus durante a Segunda Guerra Mundial sob regência de Adolf Hitler foi um verdadeiro ato de desumanização. Não apenas por serem chamados de ratos, mas por serem tratados como indigentes. Dentre os trabalhos forçados, a formação dos guetos, a posse de seus bens, a fome, a violência e o medo, há também um caso em *Maus* que salienta isso; quando crianças, ao verem Vladek, fogem dele pelo simples fato de ser um judeu. Isso se dá, conforme explicação do próprio protagonista, pelos ensinamentos hereditários de um povo opressor que adotou o discurso racista:



Figura 30. Vladek explica como era ser judeu num país de ascensão nazista

Como contrapartida da pedagogia do oprimido, Paulo Freire nos apresenta outro tipo de pedagogia que explica esse caso, em que o opressor personifica sua força:

(...) a pedagogia que, partido dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização. (FREIRE, 2019, p. 56).

A desumanização e o que Paulo Freire (2019) chama de egoísmo camuflado de falsa generosidade (anexo C) eram também potentes aliados dos discursos impiedosos de Adolf Hitler. Além das inúmeras comparações dos judeus a ratos e a outros níveis de desumanização, Hitler os associava a parasitas e explicitava, sem receio, todo seu desprezo:

Esse envenenamento de sangue para o qual centenas de milhares do nosso povo são cegos, está, hoje, metodicamente, sendo posto em prática pelo judeu. Sistemáticamente, esses parasitas das nações estão desonrando as nossas inexperientes jovens, destruindo dessa forma um valor que nunca mais pode ser restituído (HITLER, 1925, p. 239).

Por seu instinto apurado, os parasitas de Estado, trazidos à tona pelos acontecimentos de novembro, já estão prevendo a sua própria destruição, por um combate pela liberdade do nosso povo, apoiado em uma sábia política de alianças e no alvoroço de paixões nacionais inflamadas por essa política (HITLER, 1925, p. 258).

Poderia haver uma sujidade, uma impudência de qualquer natureza na vida cultural da nação em que, pelo menos um judeu, não estivesse envolvido? Quem, cautelosamente, abrisse o tumor haveria de encontrar, protegido contra as surpresas da luz, algum judeuzinho. Isso é tão fatal como a existência de vermes nos corpos putrefatos (HITLER, 1925, p. 29).

Não há outra palavra com tamanha fidelidade quanto “desumanização” para definir o Holocausto. Toda a obra, *Maus*, é uma retratação da desumanização, assim como as Propagandas Nazistas, como os discursos de Hitler, como as condições em que judeus, ciganos, homossexuais e outros prisioneiros eram submetidos. A Segunda Guerra Mundial, como um todo, foi um ato desumano que gerou a morte de 85 milhões de pessoas, exterminou famílias e deixou incontáveis feridos. Mesmo para os sobreviventes, como no caso de Vladek Spiegelman, em que os traumas sofridos durante esse período perpetuaram consequências que duraram pelo resto de sua vida.

### **3.1.1 Vladek sangra opressão**

Em *Maus*, que segue duas linhas de acontecimentos (dos fatos e dos

relatos), nos deparamos com o velho Vladek. Idoso, com a visão de apenas um dos olhos, dois ataques cardíacos e casado pela segunda vez, mantém uma relação instável de convivência com seu filho, Art, que não procurou apaziguar isso durante a escrita do livro. O autor registra cada uma das vezes que foi ouvir a história de seu pai para transformá-la em HQ, e junto com esses registros, é possível deparar-se com o temperamento difícil de Vladek. Dentre as diversas manias que este possui, algumas podem ser justificadas com afirmações da *Pedagogia do Oprimido* e são, claramente, resultados de tudo que viveu quando jovem, pois passou o período da guerra lutando para escapar, para sobreviver, para proteger sua família, para vencer a fome e tudo isso ainda não foi suficiente para, de fato, libertá-lo.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem (FREIRE, 2019, p. 46).

Pelo contrário do que se pode concluir, Vladek Spiegelman não se livrou da opressão quando foi libertado pelos soviéticos e americanos no fim da Segunda Guerra Mundial. Freire explica que “os oprimidos assumem uma postura que chamamos de ‘aderência’ ao opressor. Nestas circunstâncias, não chegam a ‘admirá-lo’, o que os levaria a objetivá-lo, a descobri-lo fora de si” (FREIRE, 2019, p. 44) e isso se manifesta em Vladek através de alguns pontos apresentados a seguir:



Figura 31. Art e Françóise presenciam os choros e gritos de Vladek enquanto dorme

Um dos pontos mais presentes é a atitude de Vladek com a comida. Além de mesquinho, não tolerava qualquer tipo de desperdício. Um dos momentos mais marcantes da obra é quando ele chega a reconhecer que isso vai além de seu controle por conta do que passou durante o Holocausto:



Figura 32. Vladek explica porque não consegue jogar comida fora

Art, que consegue estabelecer a calma e tratar o pai com paciência na maioria das vezes, é convencido a levá-lo no supermercado para que Vladek possa devolver uma caixa de cereal aberta. Ele diz que não irá comer mais, mas que também havia muita quantidade para se jogar fora e consegue convencer o gerente a aceitar a mercadoria de volta:



Figura 33. Vladek troca uma caixa de cereal aberta no supermercado

Durante um jantar, Art relata à Mala:

Sabe, Mala, quando eu era pequeno, se eu não comesse tudo do prato, papai discutia comigo até eu correr chorando pro quarto... Mamãe se oferecia pra cozinhar outra coisa que eu gostasse, mas papai fazia questão que eu comesse todo o **resto**. **Guardava** o prato e servia de novo até eu comer ou **morrer de fome**. (SPIEGELMAN, 2010, p. 45).

A medida de Vladek para educar o filho, fazendo-o comer restos de comida para evitar o desperdício nos remete às diversas vezes em que, no campo de concentração, guardou comida para depois e quando, estava no trem a caminho de Dachau e não tinha praticamente nada para consumir:





Figura 34. Neve e açúcar salvam vidas

Através dessa atitude, podemos concluir que se trata da valorização daquilo que faltou para ele durante anos. Desde que foram sentenciados a viver em guetos, Vladek Spiegelman e sua família enfrentaram a constante fome:



Figura 35. Anja e Vladek passam fome no bunker

Vale lembrar que não foi durante o Holocausto que Vladek passou fome pela primeira vez. Seu pai, na tentativa de livrá-lo do alistamento militar, o deixou doente para ser dispensado:





Figura 36. Vladek é forçado pelo pai a emagrecer e a tomar muito café

Com exceção da fome, o que mais afligia os judeus era o frio. Nos campos, usavam apenas um pijama de tecido fino e a noite contavam com o calor humano uns dos outros para se aquecer. Entretanto, Vladek permaneceu zeloso com a possibilidade de passar frio e jogou o casaco de Art (sem o consentimento dele) fora durante uma de suas visitas, substituindo a peça por uma jaqueta maior e mais quente:



Figura 37. Vladek revela ter jogado o casaco de Art no lixo e lhe oferece um novo

Quando um prato da casa de Vladek é quebrado, este é impedido de jogar fora. Para que não haja desperdício de dinheiro, ele diz que pode consertá-lo:



Figura 38. Vladek lamenta o prato quebrado

Essa atitude também se justifica pelo fato de, durante a função de funileiro e sapateiro dos campos de concentração, ter sido ordenado a consertar objetos:



Figura 39. Kapó polonês fica satisfeito com a bota consertada por Vladek

Para finalizar, a atitude que mais reflete a opressão sofrida por Vladek é a manifestação da sua própria consciência opressora. Essa manifestação pode ser sintetizada como uma dualidade:

(...) A dualidade existencial dos oprimidos, que, “hospedando” o opressor, cuja “sombra” eles “introjetam”, são eles e ao mesmo tempo são o outro. Daí que, quase sempre, enquanto não chegam a localizar o opressor concretamente, como também enquanto não cheguem a ser “consciência para si”, assumam atitudes fatalistas em face da situação concreta de opressão em que estão. (FREIRE, 2019, p. 45).

Essa dualidade foi exteriorizada quando Vladek age com racismo quando Françoise resolve dar carona a um homem negro:



Figura 40. Vladek se recusa a dar carona para um homem negro

Françoise o questiona, chamando-o de racista e comparando sua atitude com a dos nazistas em relação aos judeus. Vladek se justifica, sem remorso

algum, que já havia sido roubado por negros (anexo D) e que não havia comparação alguma entre eles.

Todos esses pontos em que se pode observar as consequências da opressão estão apresentados na obra, mas definitivamente não são os únicos. Apesar de *Maus* ser um testemunho pessoal da opressão, ainda não consegue ser totalmente fiel ao sofrimento de Vladek, pois é apenas uma parte transcrita deste. Conforme apresentado no presente trabalho, não lhe faltou momentos de dificuldade e até após a guerra teve que lidar com o suicídio de sua amada esposa, que não foi capaz de se curar da depressão causada pelo trauma do Holocausto. Segundo *A Pedagogia do Oprimido*:

Será na sua convivência com os oprimidos, sabendo-se também um deles – somente a um nível diferente de percepção da realidade –, que poderá compreender as formas de ser e comportar-se dos oprimidos, que refletem, em momentos diversos, a estrutura da dominação (FREIRE, 2019, p. 67).

Ainda que Vladek Spiegelman não seja o famoso super-herói que ocupa o protagonismo de uma tradicional revista em quadrinhos, este apresentou uma história que ficará eternamente memorizada como a de um homem tão admirável quanto aqueles que protagonizam histórias distópicas em quadrinhos.

## METODOLOGIA

O presente trabalho é um estudo bibliográfico no qual a obra *Maus: A História de Um Sobrevivente*, de Art Spiegelman, uma história em quadrinhos considerada biográfica e histórica é o instrumento de análise. Para a inserção deste estudo na área de Literatura, foram citados estudiosos das *Histórias em Quadrinhos* para comprovação de sua relevância além dos princípios de massa. Os relatos reais, inseridos no contexto histórico em questão serviram como base teórica para as associações com a fundamentação teórica redigida pela obra do pedagogo Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Para tais associações, foram escolhidos pontos em comum entre elementos presentes em ambas as obras, que se complementavam como explicação e exemplo um do outro. A metodologia utilizada pode servir de apoio para novas pesquisas relacionadas ao Holocausto e memórias, bem como no uso de Histórias em Quadrinhos como fontes históricas através de relatos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho, cujo objetivo foi analisar a posição da opressão e dos oprimidos através de uma obra biográfica, trouxe primeiramente a importância da História em Quadrinhos como Literatura e principalmente como um relato essencial para a compreensão dos fatos históricos; a conquista de Adolf Hitler, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Salientou, também, o sentido do zoomorfismo para compreensão de *Maus* e principalmente o conceito de opressão e oprimido com exemplos reais de um dos maiores casos de genocídio da História.

Art Spiegelman apresentou uma nova maneira de aprender História com um relato pessoal e baseado em fatos reais, além de ter sido o pioneiro a fazê-lo através da História em Quadrinhos. A imensidão de detalhes trazidos nas ilustrações e na narrativa de Vladek é de extrema importância para que todo o sofrimento perpetuado no Holocausto não caia no esquecimento do leitor.

A análise contida nesse estudo aponta a conscientização para que as forças opressoras, especificamente de governos fascistas, não sejam toleradas em mais nenhum lugar do mundo com o consentimento de suas atrocidades pela população. Pois, ainda que não seja possível desfazer o Holocausto, é possível trazer todos os seus acontecimentos à tona com os desvendamentos teóricos de Paulo Freire para que se compreenda de que maneira o nazismo o colocou em prática e evitando, assim, a repetição de um ato similar.

Esse estudo pode contribuir com a formação de professores ao abordar, além da Literatura Inglesa, fatos históricos de uma maneira acessível aos jovens leitores, que podem desenvolver o pensamento crítico e reflexivo acerca da Segunda Guerra Mundial, majoritariamente do Holocausto em si. Dessa maneira, vale salientar a importância de trazer exemplos de literatura como *Maus* para o ambiente escolar, principalmente para agregar nos conhecimentos históricos, políticos e sociais.

Além disso, o trabalho também é capaz de contribuir com pesquisas acerca das figuras de linguagem presentes na literatura, como o zoomorfismo, além de estudos históricos sobre Holocausto, judaísmo e Segunda Guerra Mundial. É válido também para trabalhos cujo tema seja baseado em consequências de forças opressoras em geral.

## REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Dayanna Alves. **De maus eles não tem nada: arte sequencial, memória e holocausto na obra de Art Spiegelman**. 2011. 37f. Monografia de Conclusão de Curso (Pós-graduação em História Cultural) - Centro de Humanidades/Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011.
- DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Quadrinhos de não-ficção**. Belo Horizonte: Trabalho apresentado no Núcleo de História em Quadrinhos, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2003.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- HITLER, Adolf. **Mein Kampf** (Minha Luta), 1925. Autobiografia, Política. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGFyZGluLm5ldHxmaXNpY2F8Z3g6MWE1MTdkOTNlZjcxMTVzMw>> Acesso em: 20 mar. 2020.
- JUNIOR, Francisco Baptista Assumpção. **Psicologia e história em quadrinhos**. São Paulo: Editora Ltda, 2001.
- SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. Ilustrações do autor; trad. Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- WALDMAN, Berta. Sobre gatos e ratos, autobiografia e biografia. In: LEWIN, Helena (Org.). **Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações**. Disponível em: . Acesso em: 20 mar. de 2020.
- WISTRICH, Robert S. **Hitler e o Holocausto: Breve História: Grandes Temas**. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2001.



ANEXOS  
ANEXO A



MEU PAI A ENCONTROU QUANDO VOLTAVA DO TRABALHO... SEUS PULSOS RETALHADOS E UM FRASCO DE PÍLULAS VAZIOS POR PERTO...

EU MORAVA COM MEUS PAIS, O QUE CONCORDEI EM FAZER QUANDO SAÍ DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO 3 MESES ANTES.

EU ACABARA DE PASSAR O FIM DE SEMANA COM MINHA NAMORADA (MEUS PAIS NÃO GOSTAM DE LA), CHEGUEI EM CASA TARDE...



SUPONHO QUE SE TIVESSE CHEGADO ANTES, TERIA ENCONTRADO O CORPO DELA...



QUANDO VI A MULTIDÃO, TIVE MEDO... SUSPEITEI O PIOR, MAS NÃO ME PERMITIA ACREDITAR!

UM PRIMO ME TIROU DA CENA.



VAMOS ATÉ O MÉDICO... SUA MÃE ESTÁ... HÁ... DOENTE! ELE VAI EXPLICAR...

O DR. ORENS MORAVA PERTO...



SENTE-SE, ARTHUR. EU ACHEI QUE ERA EU QUE TINHA QUE CONTAR.



SUA MÃE SE MATOU. ELA ESTÁ MORTA!

EU NÃO PODIA MAIS EVITAR A VERDADE. AS PALAVRAS DELE MEXERAM COMIGO... FIQUEI CONFUSO, SENTI RAIVA, FIQUEI PARALISADO!... NÃO QUERIA CHORAR, MAS SENTI QUE DEVIA!...



ELA ESTÁ MORTA! UM SUICÍDIO!



CALMA, GAROTO...

NÃO, DEIXE-O CHORAR. É BOM PARA ELE.

FOMOS PARA CASA... MEU PAI ESTAVA COMPLETAMENTE ARRASADO.



OH, ARTIE! POR QUÊ? QUE TRAGÉDIA! E NEM UM BILHETE!!

ERA NATURAL QUE EU O CONFORTASSE!



MÃE... MÃE...

DE ALGUM MODO, OS PREPARATIVOS DO FUNERAL FORAM FEITOS...



...E POR \$9500 TEMOS UM CAIXÃO DE BRONZE COM VELUDO. CLARO, POR \$ 2.000 NÓS PODEMOS...

PROTECT WHAT YOU HAVE



AQUELA NOITE FOI PÉSSIMA... MEU PAI INSISTIU EM DOR-MIR NO CHÃO - UM VELHO COSTUME JUDEU, SUPONHO. ELE ME SEGUROU E SE LAMENTOU A NOITE TODA. FOI HORRÍVEL!



NO DIA SEGUINTE, O FUNERAL FOI PIOR.



יתגדל ויתקדש  
שמה רבא בעלמא-

MEU PAI LUTOU PARA SE CONTROLAR E REZOU. EU ESTAVA CALMO E RECITEI PARA MINHA MÃE ALGO DO LIVRO TIBETANO DOS MORTOS.



די ברא ברענתה וימליך...

"OH NOBRE NASCIDO... NA SUA JORNADA PELO VÁCUO, LEMBRE-SE DA UNIDADE DE TODAS AS COISAS VIVAS..."



ANNA ANNA ANNA



ERA DEMAIS - EU TINHA QUE SAIR...

ANNA ANNA ANNA

UM AMIGO DA FAMÍLIA ME ENCONTROU FORA DO SALÃO...



AGORA VOCÊ CHORA! DEVIA TER CHORADO QUANDO SUA MÃE AINDA ESTAVA VIVA!



SENTI NÁUSEA... A CULPA ME OPRIMIA!



PASSAMOS AS SEMANAS SEGUINTESS NOS LAMENTANDO. OS AMIGOS DE MEU PAI ME DEMONSTRARAM HOSTILIDADE MISTURADA COM CONDOLENCIAS...



ELA VEIO AO MEU QUARTO... ERA TARDE DA NOITE...



MÃE, SE VOCÊ ESTIVER OUVINDO...



...MAS A MAIOR PARTE DO TEMPO EU FICAVA SO' COM MEUS PENSAMENTOS...



EU ME VIREI, OFENDIDO PELO MODO COMO ELA APERTAVA O CORDÃO UMBILICAL...



EU LEMBRO DA ÚLTIMA VEZ QUE A VI...





## ANEXO B

NOITE TODA OUVI TIROS. QUEM FICA CANSADO, QUE NÃO ANDA TÃO RÁPIDO, ELAS MATA.



QUANTO MAIS NÓS ANDAVA,  
MAIS EU OUVIA TIROS...

E NO LUZ DO DIA, LÁ NA FRENTE, EU VI.



TRRAA

ALGUÉM ESTÁ PULANDO, VIRANDO,  
ROLANDO 25 OU 35 VEZES. E PARA.



"TALVEZ ELAS MATARAM  
UM CÃO", FALEI.

QUANDO EU ERA MENINO, CÃO DA VIZINHO  
FICOU LOUCO E MORDIA.



POU

A VIZINHO SAIU COM O  
ESPINGARDA E ATIROU.

O CÃO ROLOU ASSIM. DE UM LADO PRA  
OUTRO, CHUTANDO, ATÉ FICAR IMÓVEL.



E EU PENSAR: "IMPRESSONANTE UM SER  
HUMANO REAGIR NO MESMO JEITO QUE  
CÃO DA VIZINHO".



ANEXO C

UM DOS RAPAZES QUE ESTAVA COM NÓS NA SÓTÃO FALOU COM A GUARDA...



O DIA INTEIRO ELES COMBINA...

À NOITE TEVE TUMULTO. OITO CORREV...





ANEXO D





E COMO OUSA DIZER QUE TODOS OS NEGROS ROUBAM? É...

PARE, ESTÁ BEM? VOCÊ NÃO CONHECE ELES...



QUANDO EU CHEGA EM NYC, TRABALHEI NO CENTRO DE ROUPAS. ANTES EU NÃO VIA HOMENS DE COR...



MAS LÁ ESTAVA SHVARTSERS EM TUDO LUGAR. E SE EU PBE MEUS COISAS NA CHÃO UM SEGUNDO, ELES LEVA!



MAS VOCÊ...

ESQUEÇA, QUERIDA... POR FAVOR.

IÁ!...



MELHOR MESMO ESQUECER.